



# Geografia: Políticas e Democracia

**Anna Paula Lombardi  
(Organizadora)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Anna Paula Lombardi  
(Organizadora)

# Geografia: Políticas e Democracia

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 Geografia: políticas e democracia [recurso eletrônico] / Organizadora  
Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,  
2019. – (Geografia: Políticas e Democracia; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-145-9

DOI 10.22533/at.ed.459191902

1. Geografia física. 2. Geografia humana. 3. Dinâmica espacial.  
I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 910.02

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Geografia: as cidades e as dinâmicas urbanas na perspectiva política e democrática”, no volume 1, apresenta estudos de grande relevância tendo como enfoque a dinâmica espacial nas áreas urbanas e rurais no Brasil. A Ciência Geográfica através das diferentes categorias e a relação dessas são o ponto chave para compreender a complexidade de fatos e fenômenos que ocorrem nas diferentes espacialidades, logo pelo ponto de vista de autores da área de conhecimento da Geografia publicados pela editora Atena.

O volume 1, exibe 18 capítulos que tem como temática: expor a questão do uso e ocupação do solo pelo aspecto da densidade populacional, ocupação irregular, relações de gênero no espaço urbano, regularização urbana de imóveis, a questão ambiental e a agricultura familiar, áreas de lazer e os parques urbanos, a agroindústria na contemporaneidade.

Com o enfoque de contribuir na compreensão de estudos nas cidades, abordando aspectos nas áreas urbanas e rurais e o dinamismo dessas espacialidades pelo âmbito político e democrático, é o que será exposto nos capítulos. A obra contribui na ampla relevância dos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos e através da complexidade dos fatos reais, tem como característica dar visibilidade a importância desses estudos na Ciência Geográfica que são temas centrais de investigação na academia.

A seriedade desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância do tema abordado.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos em questão, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
OCUPAÇÕES IRREGULARES NO ESPAÇO URBANO DE COLÍDER – MATO GROSSO	
Judite de Azevedo do Carmo	
Willian Borges Vieira	
Beatriz de Azevedo do Carmo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4591919021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A EXPANSÃO DO ESPAÇO URBANO EM TERESINA - PI E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS	
Vital António Vilelas Faria	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4591919022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
RETOMADA DA ONDA DE REMOÇÕES NO RIO DE JANEIRO NO CONTEXTO DO EMPREENDEDORISMO URBANO	
Vinícius Silva de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4591919023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
PAISAGEM CULTURAL E GEOGRAFICIDADES NA AMAZÔNIA: A INTERFACE DA GEOGRAFIA PARA O ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE DA TAPERA, SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA	
Loslene Neves Costa;	
Letícia Soares da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4591919024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: REFLEXÕES SOBRE A FORMULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO	
Ramon Alves Malta	
Rafael Guimarães Farias	
André Santos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4591919025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
(DES)CONSTRUINDO OS PARADIGMAS DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NO ESPAÇO GEOGRÁFICO	
Ana Nábila Lima Campos	
José Elias Pinheiro Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4591919026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>60</b>
A DEMOCRATIZAÇÃO DA TERRA ATRAVÉS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO DO MST E DO MPA	
Suelen Terre de Azevedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4591919027</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>68</b>
EXCURSÕES GEOGRÁFICAS NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB: TRAJETÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA ESPACIAL E POLÍTICA	
Daniel Almeida Bezerra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4591919028</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>85</b>
CARACTERIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR E DA PESCA NO DISTRITO DA FREGUESIA DO ANDIRÁ, MUNICÍPIO DE BARREIRINHA- AM	
Edelson Gonçalves Marques	
Luciano Soares Gonçalves	
Valdenice dos Santos Rodrigues	
Charlene Maria da Silva Muniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4591919029</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>94</b>
MINERAÇÃO DE ENERGIA NO MARANHÃO: PERSPECTIVAS PARA EXPLORAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS NA BACIA SEDIMENTAR DE BARREIRINHAS	
José Francisco Belfort Brito	
Romeu Costa Araújo	
Fernando Carvalho Silva	
Cilícia Dias dos Santos Belfort Brito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45919190210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>113</b>
UMA NOVA DIREÇÃO PARA O “USO RACIONAL” DO PARQUE ESTADUAL SERRA RICARDO FRANCO EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE-MT A PARTIR DA “IMINENTE” CRIAÇÃO DO PLANO DE MANEJO DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO (UC)	
Paulo Daniel Curti de Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45919190211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
INCLUSÃO OU EXCLUSÃO? ANÁLISE DOS <i>CAMPI</i> ALVORADA E RESTINGA DO INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL NO CONTEXTO DE TERRITÓRIOS DE PERIFERIA DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE	
Geovana Prante Gasparotto	
Jennifer Sitária Petzold Mendes	
Josiane Cristina Leal Pontes	
Neudy Alexandro Demichei	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45919190212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>133</b>
EVIDÊNCIAS DE UMA “NOVA COGNIÇÃO DO SISTEMA MUNDO” NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO CONTEMPORÂNEO NAS PESQUISAS GEOGRÁFICAS SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45919190213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>143</b>
ESTUDOS SOBRE AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS NOS ÚLTIMOS 20 ANOS NO PERÍMETRO IRRIGADO: ICÓ – MANDANTES – PETROLÂNDIA PE	
Marina Loureiro Medeiros	
Guilherme José Ferreira de Araújo	
Edvânia Torres Aguiar Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45919190214</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>151</b>
ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO: PRÁTICAS PRODUTIVAS E O DESENVOLVER SUSTENTÁVEL PARA O MUNICÍPIO DE JOSÉ DE FREITAS-PI	
<a href="#">Andreza de Oliveira Lima</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45919190215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>160</b>
A INSERÇÃO DOS JOVENS DE LAGO DO JUNCO NA CONTINUIDADE DA CULTURA DO COCO BABAÇU: CONSCIENTIZAÇÃO, PREPARAÇÃO E PRESERVAÇÃO	
<a href="#">Matheus Andrade Marques</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45919190216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>169</b>
A FORMAÇÃO DOS COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS SUCROALCOOLEIROS NO VALE DO IVAÍ (PR) E A AÇÃO CORPORATIVA NO TERRITÓRIO	
<a href="#">Jhonatan dos Santos Dantas</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45919190217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>178</b>
UMA ANÁLISE DA MECANIZAÇÃO DAS SALINAS E O DECRÉSCIMO DA POPULAÇÃO TOTAL E URBANA DE MACAU/RN ENTRE 1970 E 2000	
<a href="#">Iapony Rodrigues Galvão</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45919190218</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>186</b>

## EXCURSÕES GEOGRÁFICAS NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB: TRAJETÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA ESPACIAL E POLÍTICA

### **Daniel Almeida Bezerra**

Mestre em Geografia (UFPB), Graduado em Geografia (UEPB) e Filosofia (UEPB), Bacharelado em Direito (UEPB), professor de Geografia, da Educação Básica, da Rede Estadual da Ensino da Paraíba  
Campina Grande – Paraíba.  
bezerradanielalmeida@gmail.com

**RESUMO:** A construção do Brasil que queremos perpassa a construção de uma nova consciência espacial e política. Apresenta-se aqui uma reflexão introdutória acerca da pesquisa do Mestrado em Geografia desenvolvida na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na linha Educação Geográfica em consonância com a atividade do Estágio Docência. A problemática é a seguinte: qual o potencial geográfico-educativo da cidade no tocante a construção de uma consciência espacial e política? Se a cidade é o espaço político por excelência podemos repensar esta nossa condição política sem revermos nossas práticas espaciais na cidade? Como as excursões geográficas podem contribuir na compreensão da cidade? Não podemos pensar na construção de um novo Brasil sem levarmos em consideração as práticas espaciais que se perfazem no lugar de ação dos sujeitos. Este lugar privilegiado entendemos ser a cidade em

sua dinâmica sócio-espacial que lhe dá vida. Propõe-se a excursão geográfica como prática espacial geográfico-educativa articuladora de um sentido político da cidade. Trajetos, imagens, diálogos e olhares, juntos, numa costura, formam o tecido que dá sentido político à cidade. Estas excursões foram realizadas no centro histórico (comercial) da cidade de Campina Grande na Paraíba.

**PALAVRAS-CHAVE:** Excursão geográfica; cidade; Política.

**ABSTRACT:** The construction of Brazil that we want perpasses the construction of a new spatial and political consciousness. We present here an introductory reflection on the research of the Master's Degree in Geography developed at the Federal University of Paraíba (UFPB) in the Geographic Education line in line with the activity of the Teaching Internship. The problem is: what is the geographic-educational potential of the city in terms of building a spatial and political consciousness? If the city is the political space par excellence can we rethink our political condition without reviewing our space practices in the city? How can geographic excursions contribute to understanding the city? We can not think of the construction of a new Brazil without taking into account the space practices that take place in the place of action of the subjects. This privileged place we understand to be the



city in its socio-spatial dynamic that gives it life. Geographic excursion is proposed as geographic-educative space practice articulating a political sense of the city. Paths, images, dialogues and looks, together, in a seam, form the fabric that gives political meaning to the city. These excursions were carried out in the historic (commercial) center of the city of Campina Grande in Paraíba.

**KEYWORDS:** Geographical tour; City; Politics.

## 1 | INTRODUÇÃO

A cidade é um espaço político por excelência! Essa tese ganha visibilidade, espacialidade, quando seu(s) sentido(s) e significado(s) são construídos, pensados por sujeitos concretos, no caminho. Apresentamos neste breve relato algumas experiências vivenciadas no Estágio Docência (ED) no Ensino Superior. Este texto faz parte de nossa Dissertação de mestrado intitulada: *A arte de caminhar na cidade: educando o olhar geográfico em andanças no centro de Campina Grande* – apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG-UFPB), no ano de 2017 e foi publicado, originalmente, no XVIII Encontro Nacional dos Geógrafos realizado no mês de julho, de 2016, em São Luiz do Maranhão.

Nele buscamos apresentar uma proposta de investigação e pesquisa geográfica pautada na realização de excursões geográficas na cidade de Campina Grande, na Paraíba. Estas excursões são aqui pensadas: (i) como recurso/procedimento metodológico e didático para compreensão dos cenários que, juntos compõem a cidade e (ii) para a construção do conhecimento geográfico. Pretendemos aqui discutir as excursões geográficas em seu potencial heurístico no que tange ao descobrimento de trajetórias, roteiros, itinerários geográficos na cidade de Campina Grande-PB. Estas excursões tiveram o intuito de contribuir na construção de uma consciência espacial e política sobre o espaço urbano da cidade. Nesta direção, as excursões visaram promover uma experiência de iniciação dos alunos da graduação na pesquisa geográfica – possibilitando, assim, a construção de inferências no processo de produção da cidade, sobremaneira, através da associação entre a caminhada e a observação: nela a proposta de construção do olhar geográfico.

Nesta perspectiva, durante o primeiro semestre de 2016, no transcurso do terceiro semestre do mestrado em Geografia realizado sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Carlos Augusto de Amorim Cardoso na UFPB, na linha de pesquisa Educação Geográfica, realizamos o nosso E.D.. Esta experiência de ensino e aprendizagem em Geografia, no Ensino Superior, fora realizada sob o acompanhamento da professora Ms. Caline Mendes de Araújo no componente Métodos e Técnicas da Pesquisa em Geografia (MTPG) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Em paralelo ao E.D. foram realizadas três excursões geográficas construídas por outros dois professores da graduação em geografia da UEPB no Campus I, em Campina Grande-PB.

Na formulação das excursões no centro de Campina Grande-PB somaram aos

esforços da professora do componente MTPG os esforços dos professores Ms. Arthur Tavares Valverde e do Profº Dr. Antonio Albuquerque da Costa, ambos professores adjuntos, efetivos, do Curso de Geografia da UEPB. Agradecemos também aos discentes do Curso de Geografia da UEPB que delas participaram e contribuíram de forma ativa na sua realização.

Nesta experiência de construção do conhecimento geográfico na cidade o conceito de espaço geográfico é forjado, segundo Corrêa (1995) numa prática espacial, a caminhada. Essa caminhada, por sua vez, voltada à observação da dinâmica sócio-espacial. Portanto, sua compreensão não pode ser concebida de modo dissociado das práticas espaciais que forjam o próprio conceito em consórcio, segundo Gomes (2013), com uma certa educação do olhar e da observação. Também não pode dispensar o uso de determinadas técnicas de pesquisa – na experiência da excursão salientamos a importância do caderno de campo. Nesta direção trabalhamos a excursão geográfica na cidade de Campina Grande, na Paraíba, como recurso didático e de iniciação à pesquisa geográfica por parte de alunos da Licenciatura em Geografia.

A construção do Brasil que queremos perpassa a construção de uma nova consciência espacial e política. As excursões na cidade voltadas para a construção do olhar e da observação geográfica têm uma importante função na formação do discente da Licenciatura em Geografia, seja do ponto de vista epistemológico, por envolver uma experiência de construção de conhecimento, seja pela educação política que este exercício prático envolve. Nessa toada, a problemática que norteou a nossa pesquisa desenvolvida nesta experiência do Estágio Docência foi a seguinte: qual o potencial geográfico-educativo das excursões geográficas na cidade, no tocante a construção de uma consciência espacial e política? Se a cidade é o espaço político por excelência podemos repensar esta nossa condição política de vivermos juntos na cidade sem revermos nossas práticas espaciais nela desenvolvidas? Como as excursões geográficas podem contribuir na compreensão da cidade? Que trajetórias, na cidade, podem ser utilizadas na costura de uma composição espacial, narrativa, de sua historicidade? Estas são algumas inquietações que nos moveram juntamente com os discentes e docentes da Licenciatura em Geografia da UEPB nas excursões geográficas pelo centro da cidade de Campina Grande, na Paraíba.

Não podemos pensar na construção de um novo Brasil sem levarmos em consideração as práticas espaciais que se perfazem no lugar de ação dos sujeitos. Este lugar privilegiado entendemos ser a cidade em sua dinâmica sócio-espacial que lhe dá vida. Neste sentido propõe-se a excursão geográfica como prática espacial geográfico-educativa articuladora de um conjunto de direções, sentidos políticos da e, na cidade. Nesta proposta de construção do conhecimento geográfico na cidade de Campina Grande, na Paraíba, trajetos, imagens, diálogos e olhares, juntos, numa costura, formam o tecido que dá sentido político à cidade. Esses elementos se estruturam, analiticamente, nos conceitos de posição, composição e exposição, os quais, por sua vez, estruturam e compõem, segundo Gomes (2013) a visibilidade e a espacialidade

do(s) fenômeno(s) geográfico(s) construídos pelo olhar do pesquisador(a) na cidade.

Estas excursões foram realizadas no centro histórico (comercial) da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Com elas objetivou-se vivenciar para compreender, observar para analisar – o potencial geográfico-educativo de alguns itinerários espaciais no centro da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Nesta direção os nossos objetivos específicos podem ser assim elencados: (i) caminhar no centro da cidade de Campina Grande e identificar trajetórias espaciais capazes de serem apresentadas como proposta de uma reflexão acerca da história da cidade; (ii) inventariar a toponímia destes trajetos bem como identificar os prédios públicos, institucionais, no centro de Campina Grande, os quais podem ser visitados numa proposta de educação geográfica na cidade como museus, teatros, biblioteca, rodoviária – espaços que guardam parte da memória da cidade de Campina Grande. (iii) Apresentar a excursão geográfica como prática espacial geográfico-educativa capaz de construir e integrar um novo pensar e um novo agir no espaço geográfico da cidade de Campina Grande-PB. Aqui apresentaremos a excursão geográfica como uma proposta de uma educação político-geográfica – uma educação que leva em conta uma experiência geográfica na cidade.

### **1.1 A excursão geográfica: prática espacial formadora do espírito investigativo na Geografia**

A excursão geográfica é, antes de tudo, uma prática espacial. Uma prática espacial que, entendida como experiência lúdica de descoberta do espaço geográfico da cidade se insere numa proposta de construção do conhecimento geográfico. Neste relato de experiência no Estágio Docência do mestrado a excursão é entendida como uma prática iniciática da pesquisa geográfica. Uma prática iniciática de um determinado modo de pensar – o geográfico. Nesta esfera, a excursão é um conceito procedimental da pesquisa que pode servir para a construção de atividades de ensino e aprendizagem geográfica na cidade. Estas atividades a entendemos dentro da construção de itinerários na cidade de Campina Grande-PB. Assim entendida, a excursão, portanto, se apresenta como estratégia viável para a construção do conhecimento geográfico. Posto que, segundo Gomes (2013), vincula um agir refletido no espaço, calcado em observações e na construção de um determinado olhar, o geográfico. Traduz essa observação geográfica – *o olhar refletido*.

A excursão geográfica trata-se de um conceito procedimental da pesquisa científica geográfica. Delgado de Carvalho (1941) propôs a excursão geográfica, originariamente no Brasil, no artigo: *A excursão geográfica* publicado em 1941. A excursão, neste momento, tinha o objetivo de oferecer-se como uma parte do programa de pesquisa e da formação do pesquisador, geógrafo, na Universidade. Cabe aqui a seguinte indagação: em que medida a cidade se apresenta como objeto da construção do conhecimento geográfico nesta época? “[...] para um fenômeno merecer o qualificativo de geográfico, é necessário que o fator *posição* ou *situação* o

venha diferenciar. [...] O critério me parece eminentemente aceitável,” (CARVALHO, 1941, p. 864). Nesta perspectiva, “[...] Podemos designar, descrever e explicar muitos fenômenos, nem por isso serão geográficos; só virão a sê-lo se o *fator posição* os venha diferenciar” (CARVALHO, 1941, p. 864).

Na perspectiva adotada no Estágio Docência o conceito de posição não deve ser entendido apenas na concepção de distância em que os objetos guardam entre si no espaço. Segundo Gomes (2013) a posição do sujeito que observa a cidade, seus pontos de vista, juntamente com os conceitos de composição e exposição estatuem os fundamentos da visibilidade do fenômeno geográfico a ser estudado, bem como de sua espacialidade. A posição é, no nosso entendimento, um fundamento para a educação da observação e, por conseguinte, da nossa educação do olhar geográfico.

Portanto, é esta inserção do sujeito numa experiência prática do espaço geográfico, colocando seus sentidos e percepções em movimento, que ele pode construir os significados das narrativas espaciais prospectadas através das excursões geográficas na cidade. A excursão geográfica na cidade, assim entendida:

[...] consiste em preparar o estudante a compreender a sua posição individual, relativa a um ambiente mais próximo, dando-lhe o sentido da direção, do quadro geográfico imediato visível e próximo invisível, além do horizonte. É o dom de se orientar e de pensar geograficamente. Tornar a viagem e a excursão cheias de significação e de ensinamentos, é uma das mais preciosas funções da educação. (CARVALHO, 1941, p. 865).

Isto que Carvalho (1941) define de “dom” interpretamos por “educação do olhar” e do pensar geográfico construído num agir refletido no espaço da cidade. A construção da visibilidade de determinados fenômenos é feita numa cadeia de elementos percebidos, registrados (no caderno de campo), e refletidos, inicialmente, ali, no campo de pesquisa, ou seja, no espaço geográfico da cidade. A excursão aqui pode ser entendida como sendo uma prática de observação de outras práticas espaciais desenvolvidas na cidade. O objetivo central de tal proposta é o de despertar o interesse do graduando em geografia na pesquisa. O prazer da descoberta tem como pressuposto uma inquietação, um estranhamento do olhar. A este estranhamento alia-se a problematização das nossas práticas cotidianas exercidas na cidade. Essa curiosidade inicial deve ser estimulada pelo professor de geografia nas excursões. Assim entendido, “[...] O *contacto com a realidade* determinaria, por si só, o início de todo um processo de aprendizagem.” (CARVALHO, 1941, p. 866). As excursões geográficas possuem, portanto, um potencial como estratégia geográfico-educativa: “[...] Uma boa excursão, bem executada, equivale, a meu ver, a muitas aulas.” (CARVALHO, 1941, p. 866). O potencial educativo da cidade pode ser prospectado em excursões. Nesta perspectiva: “Se cada unidade de trabalho, em Geografia, pudesse ser precedida de uma excursão, [...], e ser concluída com outra excursão de fixação e revisão, tenho certeza de que o curso de geografia seria um sucesso. [...]” (CARVALHO, 1941, p. 866). Esse sucesso seria a tradução do encontro do saber formal, escolar ou, universitário, com a cidade vivida, experimentada pelos alunos.

## 1.2 Centro da cidade de Campina Grande-PB: trajetórias espaciais possíveis para a construção do conhecimento geográfico na cidade

A cidade é um objeto privilegiado para a construção do conhecimento geográfico. A experiência de construção do olhar geográfico, conforme Gomes (2013) tem íntima relação com a formação do sujeito através da caminhada e da observação da e na cidade. Nessa direção, as excursões são propostas através de uma ação refletida no espaço da cidade. A cidade é tema e objeto da ciência geográfica.

Entre as ciências humanas e sociais, a geografia parece ter sido a primeira a se interessar pelo estudo das cidades; sua produção científica nesse campo é vasta e remonta ao século XIX. No Brasil, essa tradição também é antiga e data da terceira década do século XX. [...] (ABREU, 2002, p. 43).

As excursões na cidade envolvem, segundo Cardoso (2008), uma metodologia intuitiva – fundamentada na percepção e reflexão *in loco*. Trata-se de uma formação científica consciente de sua responsabilidade política. Segundo Gomes (2013) a posição, a composição e exposição são elementos constitutivos da compreensão geográfica dos fenômenos urbanos. Eles fundamentam, por sua vez os conceitos de visibilidade e espacialidade geográficas. Com base nestas premissas podemos visualizar a cidade estudada. A cidade de Campina Grande, na Paraíba, está situada na mesorregião do Agreste, no Planalto da Borborema há aproximadamente 550m de altitude. A cidade localiza-se a 120 km da Capital paraibana, João Pessoa. A Rainha da Borborema comemorou em 2018 seus 154 anos de emancipação política e conta com, aproximadamente, 400 mil habitantes, segundo Censo de 2010 do IBGE. Em Campina Grande-PB se realiza no mês de junho o Maior São João do Mundo e, no período de Carnaval, o encontro ecumênico Nova Consciência - voltado para a religiosidade e à filosofia.

No transcurso do Estágio Docência foram realizadas quatro excursões geográficas todas elas dentro do centro histórico da cidade de Campina Grande-PB. Em duas delas tomamos como ponto de partida e, de encontro inicial dos “observadores da cidade” o prédio dos Correios que fica ao lado da Praça da Bandeira. Partimos, nesta quarta excursão geográfica, de outro lugar do centro da cidade de Campina Grande. Nesta excursão não tínhamos um percurso como referência, mas sim, um prédio, um ponto de observação da dinâmica sócio-espacial do centro da cidade. No nosso entendimento este prédio possui um rico potencial geográfico-educativo no centro da cidade. Trata-se do prédio do Terminal Rodoviário de Passageiros Cristiano Lauratizen, popularmente conhecido como “Rodoviária Velha” de Campina Grande.

Precisamos fazer algumas observações. Nas excursões anteriores a esta quarta, frisamos que, os itinerários não foram pré-estabelecidos de forma hermética. A primeira excursão geográfica foi realizada com o Grupo de Estudos Escolaridade (PPGG-UFPB). Esta excursão geográfica foi a nossa caminhada na cidade mais circunscrita a um roteiro, diferentemente, das demais excursões. Assim, em se tratando de uma

caminhada orientada, pelas conversas, textos de teoria e metodologia da pesquisa geográfica, a denominamos de caminhadas destras, em oposição ao modo de caminhar errático, organizado, por sua vez, na caminhada à deriva – nossa quinta caminhada do mestrado em Geografia (PPGG-UFPB).

Outra observação preliminar é a de que a cidade de Campina Grande-PB possui uma Rodoviária (Nova) – localizada no bairro do Catolé e, o nosso primeiro contato visual, com o ambiente da Rodoviária Velha, nos remeteu ao contraste entre esses dois espaços geográficos. O Terminal de Passageiros, Argemiro de Figueiredo, Rodoviária Nova, inaugurado em 1985, talvez por se localizar próximo ao Shopping Partage, justifique o vazio urbano naquele espaço, em especial, no precário comércio que se desenvolve naquele lugar. Em João Pessoa, por exemplo, o espaço da Rodoviária expressa a vida comercial da cidade, ou seja, expressa diferentes formas de sociabilidade e da economia. Em Campina Grande-PB, o espaço da Rodoviária Nova parece marcar mesmo o aspecto de passagem e, não de permanências, como acontece no espaço da Rodoviária Velha, no centro da cidade. Observemos, no mapa abaixo, a localização deste espaço *sui generis* de Campina Grande:



Fig. 1 Mapa da quarta excursão geográfica pelo centro de Campina Grande. Destaque para o prédio da Rodoviária Velha grifado na linha amarela.

Fonte: *Google Earth* – elaborado por Daniel Almeida Bezerra, 2017.

No mapa acima observamos, ao centro, o prédio da Rodoviária Velha. A linha de vermelho marca a Avenida Floriano Peixoto – principal artéria de tráfego de veículos do centro da cidade. E, de azul, temos parte do trajeto do Riacho das Piabas – que atualmente corta o centro e bairros da cidade por uma via canalizada. Através da observação do perfil altimétrico podemos observar que a nossa caminhada fora marcada por acentuadas ladeiras, formadas por aclives e declives.

Reunimo-nos, inicialmente, numa sorveteria que fica em frente à Rodoviária Velha, na Rua Barão do Abiaí. Enquanto esperávamos os demais membros chegar para iniciarmos nossa caminhada, alguns membros já saboreavam um sorvete

artesanal à base de frutas. Esse talvez seja o grande diferencial desta sorveteria, em relação às demais sorveterias do centro da cidade. Discutíamos os processos técnicos e a origem das matérias-primas para a fabricação de sorvetes artesanais. Olhávamos, a partir dela, a dinâmica sócio-espacial da Rodoviária Velha.

Ao lado da Rodoviária Velha, se encontra um prédio muito antigo da cidade denominado: *A Calçadeira* (A-1). Nela há uma loja especializada em calçados artesanais, os quais possuem o couro como matéria-prima. A primeira feira de Campina Grande era uma Feira de Gado. O espaço do Parque da Criança, próximo ao Açude Velho, cartão-postal da cidade, funcionava o Antigo Curtume São José, da Família Motta, o qual funcionou de 21 de agosto de 1924 a 31 de dezembro de 1983. Atualmente esse dinâmica couro-calçadista se encontra nos bairros de Bodocongó e José Pinheiro. Há várias lojas do comércio do centro da cidade de Campina Grande vendendo calçados, mas os calçados oriundos dessa região do centro da cidade possuem este diferencial. Nele você negociará o valor da peça, diretamente, com o artesão que as fabrica e as expõe. Nesta perspectiva, a própria exposição dos calçados artesanais, ela também evidencia uma criatividade distinta, das demais lojas do centro da cidade.

Da soverteria, avistávamos os ônibus todos vindos em nossa direção. Na visão inversa, nesta mesma Rua da Rodoviária Velha, nela, observamos a presença de hospedagens, bares e restaurantes populares. Quais seriam os elementos da culinária campinense utilizados na composição dos pratos ali servidos? Uma geografia dos temperos, dos sabores, poderia ser descortinada pela apreciação, itinerante, destes restaurantes populares. Além dos restaurantes, no período noturno funcionam alguns prostíbulos ao redor da Rodoviária. Essa perspectiva *soturna* da cidade também é evidenciada na Rua João Pessoa e, na Rua Índios Cariris no período da noite. Sobre este tema propomos um diálogo com o livro proposto por Cardoso (1996): *A cidade não revelada*. E, também Ramos e Souza (2006) no livro intitulado: *Territórios de confronto: Campina Grande-1920-1945*. A obra é organizada por Ramos e Souza (2006) em três capítulos. O primeiro intitula-se: *Cartografias do trabalho: homens e mulheres em ação*. O segundo, por sua vez, intitula-se: *Lugares de diversão e lazer: festas, bares e prostíbulos*. Por fim, o terceiro intitula-se: *Cidade, cidades*.

O espaço geográfico da cidade, assim entendido, como proposta de construção do conhecimento geográfico, leva em consideração o ensino e a aprendizagem geográfica na cidade dentro de uma perspectiva sócio-espacial – e, a partir desta ótica, guarda consigo um potencial para a educação política na cidade.

Para a compreensão das práticas espaciais cotidianas, a Geografia tem buscado aprofundar entendimentos sobre a cidade, o urbano, o cotidiano, a cultura, reafirmando o conteúdo material e simbólico na totalidade do espaço. [...] (CAVALCANTI, 2013, p. 75).

Essa totalidade a entendemos como complexa na medida em que é construída, dentro de sistemas sociais plurais: econômicos, culturais, políticos. O conceito de totalidade é nesta proposta de excursão geográfica relativizado quando optamos



metodologicamente por trabalhar com cenários, composições construídas pelos itinerários, recortes espaciais da cidade. Essa totalidade espacial da cidade também é relativizada quando efetuamos um recorte fenomênico neste objeto/cidade ao optarmos em trabalhar com o centro histórico e geográfico da cidade. Metodologicamente salientamos ainda a nossa opção em trabalhar com a proposta epistemológica voltada para a construção do conhecimento geográfico.

Da sorveteria onde nos encontramos, dizíamos, estava em evidência ao nosso olhar a marquise da Rodoviária Velha, considerada a segunda maior marquise de rodoviária do mundo – ficando atrás, apenas, da marquise da Rodoviária de Liverpool, conforme explicava-nos o Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa e, o Prof. Ms. Artur Tavares Valverde. Este caso (causo) pode ser mais um nexos entre Campina Grande com a cidade inglesa, além da rivalidade no mercado têxtil. Mas não é, simplesmente, pela extensão de sua marquise que a Rodoviária Velha representa um rico potencial geográfico-educativo. É por conta de sua função articuladora de pessoas e serviços que ela, assim, se caracteriza. A força polarizadora da cidade, em relação às sociedades dos municípios vizinhos, se expressa, espacialmente, neste lugar da cidade de Campina Grande-PB.

Como há várias pessoas circulando envolta da Rodoviária Velha, uma sugestão para o professor de Geografia trabalhar juntamente com seus discentes a educação do olhar geográfico é estudarem como as pessoas destas cidades circunvizinhas enxergam Campina Grande-PB. Teríamos, então, uma compreensão acerca do “olhar estrangeiro” dirigido à cidade. Neste diapasão, a linguagem informal, utilizada pelas pessoas, no comércio do entorno da Rodoviária Velha, pode revelar-nos uma geografia dos léxicos, cotidianos, utilizados por elas, bem como também, os referenciais espaciais, utilizados por elas, para se localizarem no centro da cidade de Campina Grande-PB.

Caminhando sob a proteção da Marquise da Rodoviária Velha observamos um fluxo acelerado de pessoas. Abaixo dela forma-se um corredor para a passagem dos pedestres, entre as lojas do frontispício da Rodoviária Velha e, as bancas que divisam com a rua. São várias bancas do tipo que os “sciusciàs” utilizavam na venda nômade e que, na Rodoviária Velha de Campina Grande, se encontram instalada como permanência. Nestas bancas são expostos produtos eletrônicos, roupas, comidas, balas e doces.

O espaço geográfico é marcado além da aceleração dos passos, nesse corredor, por uma atmosfera auditiva confusa: pessoas conversam, oferecem produtos e serviços. Lembramos da ambiência da Feira Central. Mas era diferente, a paisagem observada na Rodoviária Velha. Talvez o fluxo de ônibus naquele espaço, fosse a primeira marca distintiva entre ambos os espaços. Mas não era a única diferença. Se na Feira Central o comércio gravitava entorno dos produtos do primeiro setor da economia, ou seja, da agricultura, na Rodoviária Velha encontramos muitas lojas de consertos de eletroeletrônicos que passam a diferenciar este lugar em relação

àquele. Ou seja, é marcadamente um espaço dedicado ao terceiro setor da economia – serviços.

Caminhamos dentro da Rodoviária Velha e percebemos uma grande variedade de produtos e serviços. Estes eram distintos daqueles ofertados no Shopping Popular Edson Diniz. Encontramos, por exemplo, alguns salões de beleza, lojas de consertos eletroeletrônicos, os mais variados. Chamou a nossa atenção os artífices-artesãos que consertavam calçados, bolsas, geralmente, as peças expostas eram de couro. No espaço interno da Rodoviária Velha os corredores são estreitos e há baixa luminosidade no ambiente. Indagávamos que telhas transparentes no teto poderiam sanar este problema sem, necessariamente, ampliar as despesas com a implantação de mais pontos de luz elétrica. A nossa caminhada no espaço interno da Rodoviária Velha é mais lenta que aquela desenvolvida na calçada deste prédio. Caminhamos nos corredores internos da Rodoviária Velha, em duplas, com dificuldade. Em alguns trechos caminhamos formando uma fila indiana.

Já considerando o entorno da Rodoviária Velha a educação do olhar geográfico pode ser desenvolvida a partir da observação do transporte alternativo utilizado pelas sociedades dos municípios circunvizinhos. Porém, salientamos que a rua principal da Rodoviária Velha é exclusiva para ônibus intermunicipais que ali realizam embarques e desembarques. Durante todo o dia há um intenso fluxo de pessoas e mercadorias no entorno da Rodoviária Velha. Este fluxo de pessoas de outras cidades e, comunidades rurais, ganha visibilidade nas ruas do centro da cidade de Campina Grande. De onde eles vêm?! Muitos deles, de cidades do Brejo e do Sertão.

A Rodoviária Velha é, em grande medida, responsável pela dinâmica sócio-espacial que se desenvolve no centro da cidade de Campina Grande-PB. Boa parte das pessoas que caminham na Rua Maciel Pinheiro – “rua-vitrine” do comércio campinense – são de municípios circunvizinhos que chegam a Campina Grande, através da Rodoviária Velha. Dentre o fluxo de mercadorias, que chegam pela Rodoviária Velha, há um destaque para o setor hortifrúti, o qual contribui no abastecimento da Feira Central. Originariamente, a atual Feira Central, localizava-se na Rua Maciel Pinheiro.

Os transportes intermunicipais participantes da dinâmica sócio-espacial, geográfica, do espaço da Rodoviária Velha, são ônibus, os transportes alternativos e as moto-táxis. Há a predominância de caminhonetes do tipo D-20 (A-2 e A-3), adaptadas, ao transporte de passageiros. Nesta perspectiva de análise dos transportes, o professor de Geografia pode trabalhar com seus alunos, a importância destes transportes alternativos para a construção da dinâmica sócio-espacial, geográfica, do centro da cidade de Campina Grande-PB. Eles transportam não apenas passageiros, mas também, mercadorias. Que mercadorias são e, de onde elas vêm?! Esta pode ser uma problematização inicial, nas pesquisas em torno da educação geográfica na cidade. No centro da cidade de Campina Grande-PB há um destaque para o uso de transporte “moto táxis”. A cidade de Campina Grande, na Mesorregião do Agreste da Paraíba, foi pioneira neste tipo de transporte, hoje legalizado no município.

Esta perspectiva do transporte público na cidade como elemento mediador para a construção de uma educação geográfica foi por nós trabalhada, juntamente com Alencar, Bezerra, Oliveira (2010), no artigo intitulado: *O transporte coletivo como elemento integrador de conteúdos e de estratégias metodológicas na geografia escolar*. Neste momento tentamos ampliar este objeto de pesquisa, para a construção de um ambiência geográfico-educativa na cidade.

Na perspectiva da construção de uma consciência política a partir da caminhada, ou seja, da experimentação do olhar como vivência corporal da cidade, desenvolvemos o texto: *Jornadas de junho de 2013: tema propositivo ao ensino e à apreensão política do conhecimento geográfico no ensino médio* em Bezerra (2014). Neste texto desenvolvemos os pressupostos teórico-metodológicos construídos na nossa Especialização em Ensino de Geografia na Universidade Estadual da Paraíba sob a orientação do Profº Dr. Rafael Albuquerque Xavier.

Caminhar e olhar a cidade, portanto, guarda consigo uma rico potencial geográfico educativo. Ou seja, podemos educar o nosso olhar geográfico a partir de nossa vivência do espaço geográfico da cidade. Mas, para tanto, precisamos aprender a educar o nosso olhar para aquilo que experienciamos no espaço geográfico da cidade.

Abaixo temos o mosaico da quarta excursão realizada pelo centro histórico da cidade de Campina Grande-PB.

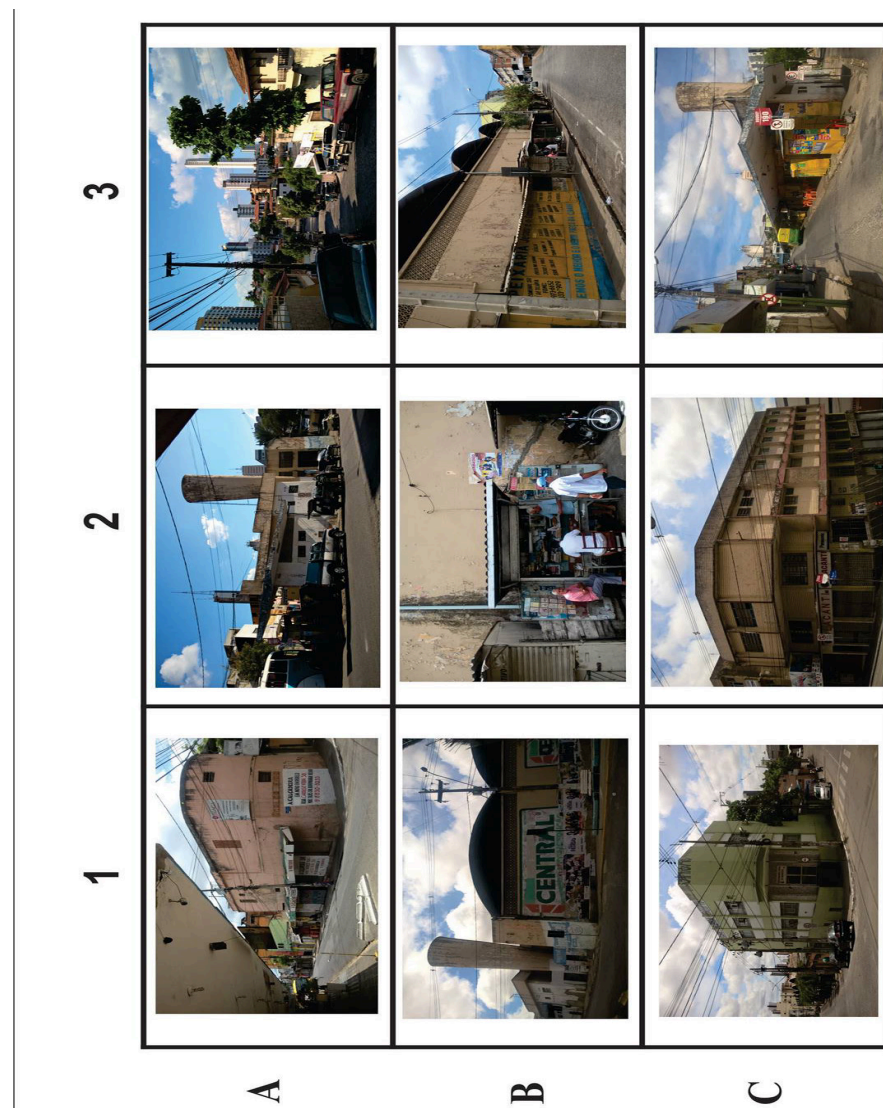


Fig. 2. Mosaico – IV – Quarta excursão pelo centro de Campina Grande.

Fonte: Elaborado por Daniel Almeida Bezerra, 2017.

Na Rodoviária Velha há, visivelmente, duas dinâmicas sócio-espaciais: uma endógena e, outra, exógena. Na calçada, além dos guichês das empresas de ônibus há: óticas, pastelarias, lanchonetes, fiteiros, balcões de mercadorias vindas de Santa Cruz e Caruaru, sobretudo, confecções, avistamos nestes pequenos espaços. Essa diversidade de produtos, cores, aromas, sons, salta aos nossos sentidos, na medida em que se encontram concentradas numa calçada que é, por sua vez, marcada pelo constante embarque e, desembarque, de passageiros. Internamente encontramos uma variedade de lojas prestando assistência técnica em eletrônica. Há vários artesãos que oferecem consertos de sapatos, bolsas, óculos. A estes serviços somam-se o setor alimentício, como açougues, lojas de laticínios que oferecem produtos do Sertão e do Brejo do Estado da Paraíba.

Em seguida caminhamos até a parte oposta ao setor de embarque e desembarque da Rodoviária Velha. Nela encontramos uma banca que oferece pescados de outras regiões do Estado da Paraíba. Seguindo pela calçada, avistamos, na parte detrás da Rodoviária Velha um comércio de aves abatidas, provavelmente, advindas do Brejo,

em especial, de Guarabira.

Nesta parte detrás da Rodoviária Velha há uma banca de jornais e revistas usadas (B-2). Neste aspecto ela se distingue em relação às bancas de revista da Praça da Bandeira. Nela, nos chamou a atenção a presença da Literatura de Cordel. Esta rua é mais arborizada e guarda um fluxo de caminhada e, de observação, mais lentos que na calçada principal da Rodoviária Velha. Nesta última, o ritmo da observação é ditado pelo andar apressado das pessoas que transitam por ali – não se pode parar! Quem para fica, geralmente, próximo ao meio-fio: limite entre a rua – espaço dos ônibus e veículos, com a calçada – espaço dos pedestres.

Esta quadra onde fica localizada a Rodoviária Velha, ela é composta pelo prédio da Rodoviária Velha e, pelo prédio da Procuradoria do Município de Campina Grande (C-1). Desta última, na direção do contorno do prédio da Rodoviária Velha, avistamos a nossa direita, a Rua Barão do Abiaí. Aqui destacamos o prédio da loja de equipamentos musicais Olacanti. A Rua Barão do Abiaí é uma rua na qual o professor de Geografia pode trabalhar o conceito de especialidade funcional dos espaços, já que muitas lojas de eletrônica se encontram nela. Os consertos de televisores, e equipamentos eletroeletrônicos são feitos nesta rua.

Nesta quadra, também o prédio da Procuradoria do Municipal de Campina Grande, apresenta um formato de “Ferro de Passar” estilo arquitetônico Beaux-Arts, certamente inspirado no prédio *Flatiron Building* de Nova York. Essa arquitetura peculiar, constatamos em nossa dissertação de mestrado como característica geográfica do centro da cidade de Campina Grande-PB. Completamos nosso contorno na quadra seguindo em direção a Feirinha de Frutas. Passamos pelo Edifício Prata e alcançamos a Rua Maciel Pinheiro. Estávamos em outra ambiência, certamente, mais luminosa, vitrines, propagandas. Atravessamos a Rua Maciel Pinheiro e caminhamos até a Rua Venâncio Neiva. De lá passamos pelo Posto de Saúde Francisco Pinto e, pelo Antigo Posto Futurama. Finalizamos a caminhada nos despedindo em frente ao Shopping Edson Diniz.

O espaço geográfico da cidade, assim entendido, como proposta de construção do conhecimento geográfico, leva em consideração o ensino e a aprendizagem geográfica na cidade dentro de uma perspectiva sócio-espacial, porquanto geográfica. E, nesta perspectiva, guarda consigo, um potencial para a educação política na cidade. A Rodoviária Velha é-nos um espaço geográfico dinamizador da entrada e, saída, de pessoas na cidade de Campina Grande-PB a partir do centro da cidade. O movimento pendular diário, as permanências e sociabilidades naquele espaço geográfico está diretamente às nossas necessidades, nossos desejos. O que vêm buscar estas pessoas no centro da cidade de Campina Grande? Essas pessoas constroem o ambiente geográfico, através de sua prática andante, convivendo e experimentando o espaço geográfico da cidade. Transformando-o, através das práticas espaciais das caminhadas, em ambiência educativa. Transformando-o, portanto, num lugar de aprendizagem geográfica na cidade.

Nós professores e alunos da Geografia precisamos juntos aprender a viver e a pensar a cidade. Aprender, juntos, que há uma educação geográfica a ser construída através da educação do olhar e da observação, bem como de nossas práticas espaciais na cidade. As excursões geográficas na cidade congregam estes objetivos. Nessa direção encontramos as teses de Alderoqui (2006) para quem esta perspectiva de aprendizagem geográfica privilegia o contexto espacial mais próximo do aluno e sugere que esta relação proximal (Vygotsky) se propõe como fundamento da construção do conhecimento. O professor(a) nesta situação é um mediador(a) no processo de construção do conhecimento e, não um detentor do conhecimento a ser transmitido. Atitude diametralmente oposta à proposta construtivista do conhecimento geográfico. Essa proposta é acolhida, atualmente, no Brasil, pelas ideias do professor Carlos Augusto de Amorim Cardoso, através de sua Didática Urbana, da professora Lana de Souza Cavalcanti e, juntamente com as noções de olhar e visibilidade geográfica proposta por Gomes (2013) dão os contornos deste relato de experiência no Estágio Docência.

Diante destas premissas propomos as excursões no centro da cidade de Campina Grande-PB como exercício de observação na esfera do cotidiano na cidade. Nesta perspectiva, conforme Alderoqui (2006), o programa das excursões se confundiria com uma escala de ação-investigação. Segundo Santos (1992) esta análise do espaço pode ser auferida a partir do estudo da estrutura, forma, função e processo dos elementos espaciais. A cidadania é aqui considerada como uma competência (Alderoqui, 2006) a ser formada levando-se em conta formação geográfica, porquanto dotada pela compreensão social e espacial que figura a dinâmica da cidade. Esta cidadania é constituída através do ato de pensar e de usar o espaço da cidade. Posto que “[...] es necesario tener conocimientos para poder pensar y usar la ciudad. [...]” (ALDEROQUI, 2006, p. 232).

Os espaços públicos estão imersos numa malha de interesses muitos deles privados e não coletivos. O centro da cidade como recorte espacial, fenomênico, para o estudo geográfico da cidade privilegia um olhar para esta tensão entre o público e o privado. As pessoas que vivem a cidade são as mesmas que constroem nela suas práticas espaciais e, portanto, a ela confere significado geográfico. Aquele que excursiona e exercita a leitura geográfica da cidade também nela inscreve, com suas pegadas – geografismos.

### **1.3 Para não concluir, caminhar e re-olhar a cidade**

Observamos que a prática de excursões geográficas no centro da cidade de Campina Grande, na Paraíba, se apresentou para nós como modo profícuo da construção do conhecimento geográfico por professores e alunos da Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. Nesta direção, contribuíram na composição de trajetórias para a construção de nossa consciência espacial e política

da cidade. As turmas que percorreram as trajetórias espaciais no centro da cidade tratavam-se de um grupo misto de alunos e alunas da Licenciatura em Geografia com o foco nos estudos urbanos e na compreensão da dinâmica sócio-espacial, geográfica, do centro da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Estes alunos excursionaram o centro histórico da cidade buscando a construção de seus projetos de pesquisa em geografia. Em paralelo expandiram sua compreensão acerca da dinâmica sócio-espacial, geográfica, da cidade, portanto expandiram sua capacidade de produzir ciência com consciência – expandiram, portanto, sua politicidade.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. A cidade da geografia no Brasil: percursos, crises, superações. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ALDEROQUI, Silvia. Enseñar a pensar la ciudad. In: ALDEROQUI, Silvia. PENCHANSKY, Pompei. **Ciudad y ciudadanos: aportes para la enseñanza del mundo urbano**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

\_\_\_\_\_. Para que enseñar la ciudad? In: ALDEROQUI, Silvia. PENCHANSKY, Pompei. **Ciudad y ciudadanos: aportes para la enseñanza del mundo urbano**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

ALENCAR, Alisson Clauber Mendes; BEZERRA, Daniel Almeida.; OLIVEIRA, Marlene Macário. O transporte coletivo como elemento integrador de conteúdos e de estratégias metodológicas na geografia escolar. In: **COLÓQUIO BRASILEIRO EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**, 2, 2010, Campina Grande. Processos pedagógicos e produção do conhecimento. **Anais...** Campina Grande, PB: EDUFCG, 2010. p. 01-221. 1 CDROM.

BEZERRA, Daniel Almeida. **Jornadas de junho de 2013: tema propositivo ao ensino e à apreensão política do conhecimento geográfico no ensino médio**. 2014. 136f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB.

BEZERRA, Daniel Almeida. **A arte de caminhar na cidade: educando o olhar geográfico em andanças no centro de Campina Grande-PB**. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Paraíba, 2017, 324 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9754>>

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. **A cidade não revelada**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1996.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. Um ponto de vista geográfico nos manuais didáticos brasileiros: os passeios e as excursões escolares. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. Sobral, v. 10. n. 1, 2008. p. 93-105.

CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. A excursão geográfica, **Revista Brasileira de Geografia**, IBGE, Rio de Janeiro, v. 3, n.4, pp. 864-873, out/dez, 1941. Disponível em: <[HTTP://biblioteca.ibge.gov.br](http://biblioteca.ibge.gov.br)> Acesso em: 05/10/2015.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente-MG, n.35, Volume Especial, p. 74-86, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Sérgio da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar:** elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

RAMOS, Fábio Gutemberg; SOUZA, Bezerra de. **Territórios de confronto:** Campina Grande-1920-1945. Campina Grande, PB: EDUFPG, 2006. 193 p.

SANTOS, Milton. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1992.



## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**ANNA PAULA LOMBARDI** Possui graduação em Bacharelado em Geografia (2011) e Licenciatura em Geografia (2014) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR. Mestre em Gestão do Território (2014) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Doutora em Geografia (2018) pela mesma Instituição. Bolsista Capes pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior realizado na Universidad Autónoma de Ciudad Juárez/Chihuahua/México pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo no Doutorado em Estudios Urbanos (2017). Conhecimento na área de Geografia e Ensino de Geografia. Atua principalmente nas áreas de espaço urbano, Planejamento Urbano, sociedade; práticas sociais, grupos de minorias, políticas públicas e os estudos da Geografia da Deficiência (the Geography of Disability). Trabalhou como Professora/formadora na UAB no curso de Licenciatura em Geografia pela disciplina de (OTCC) Orientações de trabalho de conclusão de curso pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Atualmente é Docente pela Faculdades CESCAGE e realiza Orientações e supervisões no curso de Especialização em História, Arte e Cultura a distância pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-145-9

